

“O CAÇADOR”, DE RINALDO DE FERNANDES: O VIVER O JOGO E A EXPERIÊNCIA URBANA DA OCUPAÇÃO

“THE HUNTER”, BY RINALDO DE FERNANDES: TO LIVE THE GAME AND THE URBAN EXPERIENCE OF THE OCCUPATION

Márcia Manir Miguel Feitosa*

Como me sobrava o relógio de pulso, vi que eram onze horas da noite. Cingi com meu braço a cintura de Irene (eu acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua. Antes de nos afastarmos senti tristeza, fechei bem a porta de entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre-diabo resolver roubar e entrasse na casa, a essa hora e com a casa tomada (JULIO CORTÁZAR, 1986).

RESUMO

Objetiva-se com esse artigo uma leitura da espacialidade no conto “O caçador”, de Rinaldo de Fernandes, considerado um dos grandes expoentes da literatura brasileira contemporânea. Em função da dinâmica da ação transcorrida no universo da casa do caçador, um dos personagens principais do conto, constituirá o leitmotiv deste texto o constructo da experiência urbana da ocupação. Como aporte teórico serão suscitadas as obras *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, do geógrafo francês Eric Dardel; *A poética do espaço*, do filósofo francês Gaston Bachelard e, sobretudo, *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, ambas de autoria do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan. À luz, portanto, da teoria da percepção do espaço sob o viés fenomenológico-existencialista, será analisado o conto em tela numa perspectiva interdisciplinar, mais especificamente da Geografia Humanista Cultural, um dos campos mais instigantes da Geografia contemporânea, onde a subjetividade pode ser incorporada para fins de estudo e interpretação da condição humana.

Palavras-chave: espaço; experiência; ocupação.

ABSTRACT

The aim of this article is to do a reading of the spatiality in the short-story “O caçador”, by Rinaldo de Fernandes, considered one of the great compositions of contemporary Brazilian literature. Due

* Profa. Dra. em Literatura Portuguesa pela USP. Docente da Universidade Federal do Maranhão e bolsista CAPES de Pós-Doutoramento na Universidade de Lisboa.

to the elapsed action dynamics in the universe of the hunter's house, one of the main characters of the short-story, will constitute the leitmotiv of this text the construct of the urban experience of occupation. As a theoretical contribution the works O homem e a terra: natureza da realidade geográfica, from the geographer Eric Dardel; A poética do espaço, from the French philosopher Gaston Bachelard and, abode all, Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente and espaço e lugar: a perspectiva da experiência, both from the Chinese geographer Yi-Fu Tuan. Under the light of the space perception theory on the phenomenological-existencialist bias, the short-story will be analyzed in an interdisciplinary perspective, more specifically of the Cultural Humanistic Geography, one of the most instigating fields of contemporary Geography, where the subjectivity can be incorporated to study aims and interpret the human condition.

Keywords: *space; experience; occupation.*

INTRODUÇÃO

O contista, romancista, antologista e professor universitário Rinaldo de Fernandes figura como um dos grandes expoentes da atual produção ficcional brasileira, sendo autor do livro de contos *O perfume de Roberta* (2005) e do romance finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2009, *Rita no pomar* (2008), além das coletâneas *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (2006), *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (2006) e *Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (2008).

Publicados em 2010, os textos que compõem o livro *O professor de piano: contos* situam-se entre aqueles que melhor ilustram tal panorama da literatura brasileira contemporânea ao dar ensejo a histórias e personagens marcados por dramas pessoais urbanos de intensa complexidade. Seja pelos monólogos interiores, seja pelos fluxos de consciência, tais histórias arrebatam o leitor e o introduzem num mundo *sui generis*, em que imperam a “grande condensação dramática e o impacto narrativo”, característicos, segundo Regina Zilberman, em posfácio da obra, do estilo breve e realista de seu autor.

Entre os onze contos que figuram brilhantemente sob a pena do contista está “O caçador”: texto-relâmpago e espesso; denso e breve; um protótipo, em rodapé de Fernandes, da “alegoria de uma República recente”. Para além dessa classificação pessoal, “O caçador” suscita diversos olhares, em particular para a categoria espaço, aqui delimitada pelo universo da casa onde se desenrolam os acontecimentos norteadores da trama.

Narrado em primeira pessoa por um narrador inicialmente observador que se transforma em “agente” da história, “O caçador” envereda por um realismo surpreendente ao assumir como natural a posse gradativa da casa de um caçador por dois transeuntes que trafegam pela sua rua. Ainda que o narrador, também personagem, justifique a invasão por um suposto abandono da residência, a narrativa não deixa de conotar uma aura de estranheza. Isso porque o outro transeunte age do mesmo modo que o anterior e igualmente invade a casa e se apossa de um de seus compartimentos. Donos inicialmente do andar superior e, depois, transferidos para dois quartos do térreo, ambos, sentindo-se acuados pelo proprietário da casa, um caçador, empreendem um “jogo de polícia e ladrão” até se refugiarem no porão. Aparentemente cansado da inútil caça, o caçador desiste da perseguição e se torna alpinista, com equipamentos próprios para escalar sua propriedade. Trégua ou não, passam a conviver sob o mesmo teto.

Tomando, portanto, o espaço como categoria de análise, suscitaremos uma leitura interdisciplinar à luz de um dos campos disciplinares da Geografia, a Geografia Humanista Cultural.

1 A ESPACIALIDADE SOB O OLHAR DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL

A Geografia Humanista Cultural tem por objetivo o estudo dos fenômenos geográficos a partir da incorporação da subjetividade para melhor entendimento da condição humana, por meio do estudo das relações do homem com a natureza, do seu comportamento geográfico e de seus sentimentos e noções acerca do espaço e do lugar.

Como suporte filosófico, a Geografia Humanista Cultural buscou na fenomenologia existencialista o método que pudesse dar conta dos aspectos subjetivos da espacialidade. Tal método, portanto, segundo Werther Holzer, “seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as ‘essências’ da estrutura perceptiva” (HOLZER, 2008, p. 140). Edward Relph (1970) um dos pioneiros por eleger essa nova perspectiva de estudo, antecipou duas consequências possíveis. A primeira delas corresponde à crítica ao sistema positivista o qual, a partir do estudo das leis do espaço, adotou procedimentos técnicos de quantificação ao valer-se de regras análogas às já conhecidas nas ciências da natureza. A segunda seria a abordagem holística e unificadora da relação homem-natureza, uma atitude mais aberta e flexível quando da opção metodológica e da definição dos objetos.

Anne Buttimer (1974) defendeu igualmente essa tese ao argumentar que o mérito da fenomenologia e do existencialismo para a geografia amparava-se no fato de que ambos se propunham a abarcar a totalidade do ser ao integrarem a percepção, o pensamento, os símbolos e a ação. Caminhava-se, assim, ainda que de modo incipiente, para a renovação epistemológica da geografia.

No entanto, o traço que mais caracterizou a nova geografia, conhecida desde então como “humanista”, foram as apropriações de dois conceitos: o de mundo vivido e o de ser-no-mundo, este diretamente associado ao conceito de lugar. Semelhante conceito constitui o fundamento das pesquisas desenvolvidas pelo geógrafo Eric Dardel que, em 1952, deu à luz uma das obras consideradas basilares para a geografia fenomenológico-existencialista: *L’homme et la terre – nature de la réalité géographique (O homem e a terra – natureza da realidade geográfica)*. O marco de suas concepções se centra na oposição entre espaço geométrico e espaço geográfico:

O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem, dão a cada lugar uma singularidade de aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem um nome próprio: Paris, Champanhe, Saara, Mediterrâneo.

A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, um modelo, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou gasoso, largo ou estreito: ele limita e ele resiste (DARDEL, 2011, p. 2).

O espaço geográfico, portanto, para Dardel revela-se como um espaço de vida, concreto e percebido, essencialmente fenomenológico. Entretanto é necessário instar que a geografia, do ponto de vista da fenomenologia,

Não está à procura de significações ocultas por detrás dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta

sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo. A geografia não nos ensina nada do mundo terrestre se nós não percebermos antes que ele é o meio do sentido (BESSE, 2006, p. 88).

Concebido, pois, como um espaço primitivo, o espaço geográfico provocaria em Dardel a possibilidade de reflexão sobre duas novas categorias, a de lugar e a de paisagem, pontos fulcrais para nossa análise. De seus estudos sobre tais categorias derivam as pesquisas posteriores de Relph e, mais propriamente, as do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan para quem o espaço e o lugar definem a natureza da geografia.

Em torno do conceito de paisagem, Dardel esclarece que “é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p. 30). Jean-Marc Besse, um dos entusiastas do pensamento dardeliano, destaca que, segundo o geógrafo francês:

A paisagem exige, para ser, um corpo de carne, um olhar encarnado, um olhar vivo, em outras palavras, um ímpeto, uma intencionalidade presente e que atravessa o espaço que se abre entre o aqui e o distante. Em suma, não há paisagem sem profundidade, uma profundidade que se dá a ver sob a forma de uma presença nos longes, de um ser na distância que significa o espaço da vida. A profundidade da paisagem é a da existência (BESSE, 2006, p. 92).

A paisagem consiste na manifestação do movimento interno do mundo. Ela não se fecha em si mesma, antes estende o olhar para um além, para a abertura do sentido e da história, para a cultura enfim. Por meio dela, é possível ao homem ter consciência de que habita verdadeiramente a Terra. Marcada pela historicidade, ela “diz ao ser humano a contingência da existência e a necessidade da obra e da ação” (BESSE, 2006, p. 95).

No que diz respeito à ideia de lugar, Yi-Fu Tuan é considerado, dentre tais estudiosos, o que melhor ratifica sua importância no contexto da geografia humanista. De acordo com suas reflexões, o valor e a significação que os seres humanos atribuem aos lugares não encontram similaridade no mundo animal, haja vista os santuários dedicados ao nascimento e à morte. O objetivo maior para o geógrafo humanista será a tentativa de compreender como um espaço simples se transforma em lugar, valendo-se da “natureza da experiência, da qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, das funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar” (TUAN, 1982, p. 149-150).

Ao publicar, em 1983, *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, Tuan procurará definir os conceitos-chave da natureza da geografia, dentre eles o de experiência, tendo em vista compreender como o homem percebe e sente tanto o espaço, quanto o lugar. Em um artigo intitulado “Place: an experiential perspective” (“Lugar: uma perspectiva experiencial”), publicado em 1975, na *Revista Geográfica (The Geographical Review)*, Tuan (1975, p. 151) concebe a experiência como sendo “a cover-all term for the various modes through which a person knows his world” (“um termo abrangente para os vários modos através dos quais uma pessoa conhece seu mundo”). Essa mesma elaboração intelectual abre o segundo capítulo de *Espaço e lugar* e se desenvolve de forma mais ampla, de modo a abarcar com detalhes os órgãos dos sentidos e sua capacidade de gerar experiência em relação ao espaço.

Na perspectiva de Tuan, “Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 2013, p. 18). Contrariamente às noções de passividade e acomodação, o que Tuan sustenta é a atuação sobre o experimento e o espírito de aventura.

Sua concepção de espaço procura dar conta do que é abstrato, amplo e livre, já para a ideia de lugar suscita as imagens em torno da concretude, da segurança e da estabilidade. Entretanto, faz questão de ressaltar que, do ponto de vista experimental, o significado de espaço se funde com o de lugar, de tal modo que não podem ser concebidos ou definidos sem a presença do outro, o que os torna interdependentes. À proporção que lugar é pausa, espaço é movimento, arremata Tuan.

Caracterizado a partir da experiência, o lugar deveria ser considerado em suas diferentes escalas, a exemplo do lar, da vizinhança, da cidade, da região e do estado-nação. Além de significar posição na sociedade e localização espacial, abarca um significado mais profundo, relacionado, em síntese, ao espírito e à personalidade.

Em “O caçador”, constituirá nosso intento compreender como se constrói esse sentido do lugar a partir da experiência vivenciada pelos personagens envolvidos na posse da casa. Como são percebidos o espaço e a paisagem, observados sob o prisma da essência do vivido, em que se fundamenta a intersubjetividade na experiência com o outro.

2 A CAÇA COMO UMA ESPÉCIE DE JOGO

De certo modo próximos, “O caçador” e “Casa tomada”, do excepcional Julio Cortázar, trazem em seu bojo a perspectiva do inusitado, à medida que, em ambos os contos, a casa onde vivem seus proprietários é invadida a ponto de os invasores se sentirem também donos dela, o que passa a ser compartilhado pelos donos verdadeiros. Em Cortázar, diferentemente de Fernandes, os proprietários acabam por abandonar a casa, ansiosos pela liberdade do mundo que não assumiam querer viver. O caçador de Fernandes resolve abandonar a perseguição aos invasores em prol, talvez, de outra atividade mais prazerosa. Entretanto, sob o mesmo teto, passam a viver os três.

Nossa curiosidade em deter um olhar mais atento ao conto de Rinaldo de Fernandes reside no fato de que tal caçada se configura única quando desenvolvida dentro de um universo íntimo e protegido como é o caso de uma casa, “o grande berço”, nas palavras de Bachelard (2008). Isso porque nenhum dos três personagens envolvidos a abandona, antes a explora por dentro, por fora e subterraneamente. A caça se revela uma espécie de jogo em que são manipuladas estrategicamente as peças que o compõem: num primeiro momento, as presas (os invasores) assumem a dianteira até o caçador que decide atacar perseguindo-os compulsivamente. Refugiados no porão, na “irracionalidade das profundezas”, segundo Bachelard, os dois invasores aguardam os acontecimentos para retomarem o sentido da estabilidade. Ao final, o jogo fica em suspenso até, quem sabe, a próxima jogada.

Ainda que a invasão tenha sido insólita, ela não ocorrera intempestivamente como em “Casa tomada”. O narrador-personagem situa de modo muito claro o tempo em que isso se deu, bem como a suposta razão por ter invadido a casa. Insiste em afirmar que por quatro anos constatou a quase ausência de pessoas naquela rua por onde transitava todos os dias ao voltar do trabalho. Foi a curiosidade que o levou a entrar na casa mais bonita, “diante de um portão entreaberto”. Ao que tudo indica, sentiu-se convidado a invadi-la, mas sempre com o cuidado de não ser descoberto por algum morador. Em forma de suspense, conjectura o que pode encontrar ao longo da “visita”: “De certo modo ocorreram-me coisas divertidas. Algum lobo por trás da coluna? Tubarão na maré da

piscina? Dos lábios da papoula, não soaria o berro: pega ladrão!? O fato é que arroteei a casa várias vezes, tentando decifrar-lhe brechas” (FERNANDES, 2010, p. 73-74). Tuan, ao tratar do fenômeno da percepção em *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, parece justificar esse tipo de comportamento ao argumentar que

...uma pessoa pode parar e interpretar os indícios perceptivos de maneiras diferentes, como um exercício em racionalidade. Uma interpretação é preferida e parece verdadeira, apegando-se fortemente a ela. A verdade não é dada por meio de alguma consideração objetiva da evidência. A verdade é subjetivamente admitida como parte da experiência e da perspectiva global da pessoa (TUAN, 2012, p. 93).

Após invadi-la e constatar, silenciosamente, a presença, em um dos quartos trancados, do único morador, resolve conhecer mais a fundo o novo espaço: a cozinha, a biblioteca, dois quartos até chegar ao panorama descortinado da sacada. É nesse momento que decide morar na casa e abandonar a pensão onde até então vivia. Em Dardel, esse “momento vivido” pelo protagonista constitui uma paisagem, na medida em que se configura como “presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2011, p. 31). Ela “é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso” (DARDEL, 2011, p. 31). Semelhante atitude impulsiva acaba por demarcar, assim, um divisor de águas na narrativa e na própria história do personagem principal.

A propósito do que tradicionalmente entendemos como ambiente casa, a estudiosa Helena Carvalhão Buescu, no artigo “A casa e a encenação do mundo: *Os fidalgos da casa mourisca*, de Júlio Dinis”, argumenta que:

Entrar na casa é também entrar numa outra forma de mundo – ou melhor, numa outra dimensão de mundo, numa outra escala. Miniaturalmente (mas o homem tem uma dimensão miniatural, se visto à escala do universo), a casa reencena, por muito que possa também ser de outro modo – ou que assim gostemos de o pensar –, o mundo que julgamos deixar lá fora. Como num palco, reencena dentro. E, dentro da casa, o homem não pode deixar de ser actor, por muito que queira ser (e mesmo parcialmente seja) espectador (BUESCU, 1999, p. 27).

Deixando de ser espectador por quatro anos, o narrador-personagem, com a decisão de tomar posse de grande parte da casa, age como ator, encenando em suas dependências os atos mais importantes de seu espírito agora livre. Expande-se não só do ponto de vista espacial, mas também na escolha vocabular com o emprego de termos – a maioria verbos – que denotam liberdade excessiva (“quarto mais espaçoso”; “atirava-me na piscina”; “derramado na poltrona”; “eu fizera rebentar os brotos de uma horta”). Sempre em vigília, temendo qualquer reação do caçador, o narrador-personagem usufrui da liberdade de ter uma casa, “imaginada”, por Bachelard, “como um ser concentrado. Ela nos leva a uma consciência de centralidade” (BACHELARD, 2008, p. 36). Centralidade e espaciosidade, na acepção do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan. Tal sentimento, continua Tuan,

Está intimamente associado com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que esta transcendência se

manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente (TUAN, 2013, p. 70).

Símbolo comum de liberdade no mundo ocidental, o espaço implica futuro e um convite à ação, à prática da experiência. No entanto pode constituir uma ameaça, dada a vulnerabilidade dessa abertura. Já o espaço fechado e humanizado dá margem à ideia de lugar, de refúgio conquistado. "Um indivíduo sadio", ressalta Tuan (2013, p. 72), "aceita restrição e liberdade, a limitação do lugar e a amplidão do espaço". É o que evidenciamos no comportamento do narrador-personagem/invasor: necessitado de um lugar que o acolhesse e o abrigasse da indiferença exterior, apossa-se de partes da casa e nelas imprime sua personalidade sem a intromissão, pelo menos imediata, do verdadeiro dono.

Nem com a invasão de um novo transeunte o comportamento do narrador-personagem anônimo se transforma, antes procura acompanhar atentamente todos os seus atos de modo a não perder de vista o espaço já conquistado. Como em um espelho, o primeiro invasor se vê refletido no segundo invasor que segue exatamente os mesmos passos percorridos até a tomada de parte da casa. Da janela de seu quarto, o narrador surpreende o que acontece na rua deserta, justamente porque "de dentro, não se perde de vista o fora", visto que é uma casa e por ela há "lugares de passagem". Assim, na perspectiva de Buescu (1999, p. 28), "só há interior porque entre ele e o exterior se constroem lugares de transição, efectiva ou potencial".

Em razão de partilhar o espaço tomado com vistas a configurá-lo em lugar, o narrador-personagem alterna a narração do discurso entre a 1ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural, assumindo também o outro como sujeito da história contada: "Não fiquei perturbado. Desde que o novo morador não me viesse tirar o sossego, ele podia instalar-se no quarto contíguo ao meu, viver à vontade na casa. De fato, tomamos conta, os dois, do andar superior" (FERNANDES, 2010, p. 75).

Enquanto constructo do ser humano, o espaço é articulado segundo seu esquema corporal, isto é, organizado pela simples presença do homem. Assim, ambos os invasores se ajustam nos quartos tomados no andar superior da casa e, já mais ambientados com a convivência em comum, empreendem uma ampla faxina visando tornar o espaço acolhido o almejado lugar de eleição. Chegam a mudar preferências em prol do "centro de apoio", expressão cunhada pelo geógrafo João Baptista Ferreira de Mello em "O triunfo do lugar sobre o espaço". Em semelhante artigo, mais propriamente no capítulo dedicado ao estudo do universo vivido no âmbito dos lugares, o referido autor se aproxima do comportamento e atitudes dos dois invasores ao sustentar que

No ambiente doméstico mesclam-se atividades diversas e as tarefas do lar. Aparentemente "mundos privados e particulares penetram um no outro". No entanto, na estrutura funcional deste ou daquele aconchegante, ou confortável apartamento/casa, os corredores e portas estabelecem limites. Apenas aos mais íntimos – como familiares, empregados ou secretários – são concedidos os cômodos privativos. Festas, bate-papos, jogos, reuniões ou afazeres acontecem, de um modo geral, na sala de visitas e, quanto muito, ampliados até as dependências como a cozinha e o banheiro (MELLO, 2012, p. 39).

Desfrutando, portanto, da intimidade adquirida com a invasão dos cômodos mais importantes da casa do caçador, os dois companheiros se unem para defender o que supõem ser de seu pertencimento. A experiência direta possibilitou a demarcação do lugar e será essa mesma experiência que os impelirá para o andar térreo, para "os dois quartos amplos do térreo", diante da ameaça visível do caçador. Com a transferência compulsória o conto caminha para o seu clímax,

colocando em evidência quem de fato exerce o papel de domínio. Apesar da constante vigilância dos invasores, não conseguem impedir que sejam caçados sofregamente dentro da própria casa: fogem, pois, do andar superior para o térreo; do térreo para o jardim; do jardim para a despensa; da despensa para o guarda-roupa; do guarda-roupa para o porão.

De uma posição de superioridade (o andar superior) acabam por atingir o espaço menos “nobre”: o porão. Bachelard, em *A poética do espaço*, ao diferenciar a casa do sótão e do porão, salienta que este último constitui “a princípio o *ser obscuro* da casa, o ser que participa das potências subterrâneas. Sonhando com ele, concordamos com a irracionalidade das profundezas” (BACHELARD, 2008, p. 36-37). Mais adiante, destaca ainda, suscitando Jung, que “no porão agitam-se seres mais lentos, menos saltitantes, mais misteriosos. [...] No porão [...] a ‘racionalização’ é menos rápida e menos clara: nunca é *definitiva*. [...] No porão há trevas dia e noite” (BACHELARD, 2008, p. 37). Como ratos, os dois invasores permanecem “entocados”, à espera, dia e noite, dos passos a serem dados pelo caçador que porta uma arma. Lentamente, pois, aguardam os futuros acontecimentos.

Curioso nesse conto é refletir também sobre a presença viva de um gato, supostamente morador da casa, mas perceptível apenas a partir do momento em que o narrador resolve invadir a residência. Durante os quatro anos em que transitou por aquela rua, justamente quando da invasão, é que surge o animal. Ao longo da odisseia do narrador-personagem, o gato volta a sumir, reaparecendo quando da segunda invasão. Do mesmo modo que no primeiro momento, aparece com os “fósforos dos olhos acesos”, como a representar a figura da vigilância, necessária para anunciar possíveis intromissões indesejadas. Já no final do conto, sofre o “castigo” por não ter cumprido devidamente com suas obrigações, sendo baleado pelo caçador à porta da casa, refugiando-se no sótão, por fim. Dono de sete vidas, o gato, nesse contexto, “simboliza a força e a agilidade, postas a serviço do homem a fim de ajudá-lo a triunfar sobre seus inimigos ocultos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 462).

O refúgio no sótão, em oposição ao porão, habitado agora pelos invasores, imprime uma visível polaridade no conto, na medida em que constituem dois eixos verticais da casa. No eixo do porão, considerado o espaço das trevas, quem resolve habitá-lo são os ratos e os camundongos; logo, os indesejados invasores. Já no eixo oposto, o do sótão, quem decide nele se abrigar é o gato, o ser mais “prudente”, mais “racionalmente inteligente”, incumbido de velar pelo patrimônio do caçador. Para Bachelard, à luz de Jung, “em vez de enfrentar o porão (inconsciente), o ‘homem prudente’ de Jung procura sua coragem nos *álibis* do sótão” (BACHELARD, 2008, p. 37). Ratos fogem de gatos, do mesmo modo que invasores fogem da vigilância. Eis a lei da sobrevivência e, entre eles, a imagem concreta do caçador, destituído de seu poder de intimidação em face da dupla inoperância. Incapaz de caçar os invasores e traído pela invigilância do gato, o caçador, travestido de alpinista, decide escalar a cumeeira da casa, o ponto mais elevado do telhado, ápice, portanto, da atitude de desprendimento: “Agora o caçador distrai-se com equipamentos de alpinismo. Aqui e ali o vemos escalando a casa, punho no ar quando alcança a cumeeira” (FERNANDES, 2010, p. 76).

A propósito dessa nova “função” assumida pelo caçador, Tuan argumenta que “o risco deve ser diferenciado do perigo. Alpinistas experientes detestam o perigo, mas aceitam com prazer o risco, porque o risco representa dificuldades que podem ser avaliadas e controladas” (TUAN, 2005, p. 322). Ainda que inexperiente, o caçador, ao contrário do que sucedeu com a invasão da casa e com a caça frustrada aos invasores, se torna mais bem sucedido com o risco controlado da prática do alpinismo, visto a “vitória” em atingir o cume de seu patrimônio, a única posse possível.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição da Geografia Humanista Cultural para a leitura de "O caçador" e, em especial, dos estudos de Dardel, Bachelard e Tuan possibilitou-nos o elo de aproximação entre a fenomenologia-existencialista e a arte, expressa pela literatura.

Alegoria da experiência urbana da ocupação, o conto de Rinaldo de Fernandes, construído de forma breve e com personagens anônimos, detentores apenas de alguns atributos que os identificam na trama narrativa, condensa dramaticamente o conflito humano pelo espaço, marcado pela invasão e consequente domínio do que supostamente tinha dono. De uma casa invadida nasce outra invasão, compartilhada pelo primeiro invasor, o que obriga o proprietário a exercer a sua real profissão, a de caçador, com o intuito de defender seu patrimônio.

Graças à invigilância do gato, investido da condição de protetor do lar, o caçador lança mão do artifício da perseguição, para a qual já se preparava quando se propôs a escovar suas vestes em frente ao espelho instalado no quarto a que tinha direito (direito?). Qual num ritual de iniciação, submete-se à caçada mais como uma forma de se sentir vivo e de poder exercitar de fato a sua especialidade, aparentemente abandonada no final do conto, "por displicência ou cansaço da procura", em prol da distração do alpinismo. Em outros termos, a caçada não passou de um jogo para distrair o caçador aposentado, entediado numa casa vazia e sem emoções maiores, convidativa no seu evidente abandono.

Estrategicamente, portanto, os invasores foram atraídos para o tabuleiro/casa, símbolo de uma situação de conflito, a exprimir as dualidades entre a razão e o instinto, a ordem e o acaso. Aos invasores interessava a casa/representação do lar enquanto proximidade do ser na sua consciência de abertura, totalidade e conectividade com o mundo; ao caçador, o jogo enquanto chamariz para a disputa que pudesse salvar sua existência do tédio ou que confirmasse a natureza supralógica da situação humana. Há nele, no jogo, como ressalta Johan Huizinga, uma ordem a ser exigida. "Talvez devido a esta afinidade profunda entre a ordem e o jogo que este [...] parece estar em tão larga medida ligado ao domínio da estética. Há nele uma tendência para ser belo [...]" (HUIZINGA, 1980, p. 13). Promover o lúdico liberta o homem das amarras da matéria e o aproxima mais da beleza do espírito. Daí a vitória no cume da casa ter garantido ao caçador a liberdade almejada. Venceu, enfim, a contenda contra a morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BUESCU, Helena Carvalhão. A casa e a encenação do mundo: *Os fidalgos da casa mourisca*, de Júlio Dinis. In: SILVEIRA, Jorge Fernandes da (Org.). *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: Editora UFM, 1999, p. 27-37.

BUTTIMER, Anne. *Values in Geography*. Washington AAG, 1974, 28p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera Costa e Silva *et al.* 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

- CORTÁZAR, Julio. Casa tomada. In: _____. *Bestiário*. Tradução de Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERNANDES, Rinaldo de. O caçador. In: _____. *O professor de piano: contos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. *Espaço e cultura – Edição comemorativa (1993-2008)*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, p. 137-147, 2008.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo *et al.* (Orgs.). *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.33-68.
- RELPH, Edward. An inquiry into the relations between phenomenology and Geography. *Canadian Geographer*. v. 14, n. 3, p. 193-201, 1970.
- TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. *Geographical review*. vol. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.
- _____. Geografia humanística. *Perspectivas da Geografia*. CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). São Paulo: DIFEL, p. 143-164, 1982.
- _____. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- _____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.
- ZILBERMAN, Regina. Mestre do conto – posfácio. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O professor de piano: contos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.